

O CASO SHEHERAZADE: O SENSACIONALISMO NO TELEJORNAL BRASILEIRO.

Erika Souza¹

Tiago Fernandes Alves²

Universidade Estadual da Paraíba-UEPB.

erikasouza02@hotmail.com

tiagofalves21@hotmail.com

RESUMO

Este artigo objetiva uma reflexão acerca do sensacionalismo no jornalismo brasileiro. Neste intuito, utilizaremos, metodologicamente, um estudo de caso tomando a jornalista Rachel Sheherazade como suporte analítico. Por jornalismo sensacionalista entendemos o uso deste veículo de comunicação como meio de divulgação pautado no senso comum, exploração das emoções dos receptores e nos ganhos financeiros pelo consumo da audiência. O sensacionalismo foi tomado como construção histórica, partindo de sua gênese para entendermos seu contexto na contemporaneidade. Os resultados obtidos demonstram que este tipo de jornalismo não é resultado do momento atual, mas que perpassa uma série de questões políticas, ideológicas e econômicas presentes em vários outros contextos relacionados com sistemas de dominação e modos de pensar.

Palavras-chave: sensacionalismo; jornalismo; Rachel Sheherazade.

INTRODUÇÃO

Segundo o dicionário o termo sensacionalismo corresponde a “Divulgação e exploração, em tom espalhafatoso, de matéria capaz de emocionar ou escandalizar. Uso de escândalos, atitudes chocantes, hábitos exóticos com o mesmo fim. Exploração do que é sensacional na literatura, na arte etc.” Dicionário online da Língua Portuguesa.

Sensacionalista é todo aquele que usa de sensacionalismo para algum fim. Aspectos do sensacionalismo já podem ser notados na Roma Antiga com sua Acta

¹ Graduanda em Comunicação Social pela Universidade Estadual da Paraíba.

² Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia pela Universidade Federal da Paraíba.

Diurna, que eram relatos e anúncios oficiais produzidos e exibidos diariamente em murais públicos, servindo para espalhar as notícias às populações não alfabetizadas.

“O sensacionalismo também pode ser encontrado em livros do século XVI, no entanto, os historiadores afirmam que essa era apenas uma forma de ensinar lições de moral para as pessoas. O sensacionalismo surgiu como uma forma de trazer um novo nicho de audiência para as notícias. Esse método de jornalismo foi fortemente usado sobre as classes sociais inferiores, classes essas que tinham menos interesse em obter informações sobre outros assuntos como política e economia. Assim, o público se sentia mais interessado nos jornais.” (Gabriela Porto, 2006).

Em breves recortes históricos o termo sensacionalismo originou-se através de fatos diversos, como por exemplo suicídios por amor, assaltos a mão armada, acontecimentos misteriosos e escândalos. A prática se caracteriza pelo extremo apelo feito através de imagens e expressões fortes que tocam no emocional do expectador ou leitor.

Uma das modalidades mais conhecidas até hoje teve início através dos "Nouvelles Ordinaires" e "Gazette de France". (Bento Santos, 2012).

Muitos meios de comunicação se prendem ao *Faits divers* buscando sempre inusitados casos como: prodígios, suspeitas e o mais tocado, sendo até o preferido da mídia, crimes envolvendo assassinatos, homicídios e tudo que envolve o poder público. Os fatos mais pitorescos agregam valor e definem o significado deste termo francês. (Mariana, <http://www.ufrgs.br>, 2011. O motivo é simples, algumas emissoras fazem de notícias trágicas um verdadeiro circo a transmitindo uma tragédia durante dias, Até que a mesma não tenha mais a serventia de outrora.

O SENSACIONALISMO NA ATUALIDADE

Um caso que tem muitos contributos a acrescentar foi o caso do repórter fotográfico Kevin Carter, este em 1993 registrou no Sudão o momento no qual um esturro abutre parado atrás de uma criança desnutrida, subtende-se que o animal está apenas esperando a criança vir a óbito para devorar seus restos. Até os dias atuais esta imagem causa bastante comoção, através dela foi praticado o sensacionalismo, usando a deixa que a mesma foi a alegoria perfeita para a fome que ampliava-se, e matava, no Sudão.

Além da repercussão que a imagem causou muitos crucificaram Kevin por apenas ter registrado o momento e não ter feito nada para ajudar a criança. A imagem ficou mundialmente conhecida, e junto com ela o dilema, O que seria mais importante: Registrar o momento para que todos vissem ou tentar salvar uma vida? O fotógrafo não conteve o peso de tal responsabilidade que a opinião pública nele fazia recair. Em 27 de julho de 1994 cometeu suicídio aos 33 anos de idade. Há aqueles que dizem que a imagem da criança não corresponde ao sensacionalismo, pois bem a foto não é sensacionalista, porém dela foi feito um sensacionalismo, as práticas sensacionalistas não possuem limites para criação de notícias.

A indústria recebe de braços abertos essa conduta, pois vê a audiência como mercadoria. Para os empresários notícias deste caráter são uma fonte de lucro inesgotável. A partir daí acontece a exploração da imagem juntamente com a união de uma linguagem rebuscada, muitas vezes fugindo da objetividade.

O ato da ampliação desnecessária nos remete a teoria do agendamento onde notícias como: o atentado às torres gêmeas, o caso do goleiro Bruno, e a morte da criança Isabela Nardone que eram para serem lidadas como informação, porém a mídia os evidenciou de uma forma digamos “exagerada”, fazendo com que todo e qualquer meio de comunicação venha abordar praticamente todos os dias esses fatos com grande destaque. Muitas vezes o objetivo de quem vincula os acontecimentos é transmitir de uma forma influenciadora, onde as pessoas interpretam além do acontecido.

A ética é algo que muitas vezes se ausenta, pois quando trata-se de geração de lucro o capital dita as regras, coisas primordiais são deixadas de lado, e a cada dia presenciamos mais notícias tendenciosas que visam o benefício de alguma pessoa ou órgão.

De acordo com o código de ética jornalística o acesso à informação pública é direito inerente à condição de vida em sociedade, e não pode ser impedido por nenhum tipo de interesse. Ele também alerta que toda informação deve ser precisa e correta. Segundo a lei da imprensa, “A mídia possui a liberdade de expressão, com ela vem a obrigação de ser ética”. (Declaração Universal dos Direitos Humanos, artigo 19, 1948). A televisão visa interesses comuns ligados à posição que lhe convém, na luta pelo índice de audiência e concorrência pela fatia do mercado, as emissoras apelam para o sensacionalismo; a busca do sensacional significa sucesso comercial.

ASPECTOS TEÓRICOS

A televisão ocupa um espaço significativo na vida dos brasileiros, especialmente por que ela se tornou o meio mais popular nas últimas décadas. Assim como no caso do rádio em princípios do século XX, a televisão se tornou o maior veiculador da chamada cultura de massas tão amplamente estudada pelos frankfurtianos. Segundo Adorno e Horkheimer (1975), os meios de comunicação de massa explorariam as consciências dos consumidores dos meios culturais alienando-os dos meios que os produzem. Produz-se cultura, mas afastada dos sujeitos que a compõem.

Segundo Renato Ortiz (1985), a racionalização dos produtos culturais divulgados pela grande mídia estabeleceria um tipo de padronização estipulando aos receptores aquilo que devem assistir. A cultura se torna uma mercadoria que deve buscar constantemente audiência para ser o mais rentável possível. Contudo, segue Ortiz, não podemos tomar – como fizeram os frankfurtianos – os receptores como agentes passivos no processo da comunicação. Mesmo que para Adorno e Horkheimer (1975) os produtos culturais se encontrassem em um modo de produção voltado às diferenças individuais e distribuída segundo as classes sociais, para Thompson (2000) os receptores possuem variâncias na forma como percebem e absorvem os produtos culturais.

Neste sentido, a televisão como meio de divulgação do jornalismo sensacionalista, reflete um setor de mercado que produz notícias com baixo padrão crítico, embevecido pelo senso comum objetivando o consumo imediato de audiência. A espetacularização da notícia se tornou um novo nicho de mercado para um mecanismo midiático que há muito luta para se manter rentável.

Talvez a pior consequência dessa supervalorização seja a veiculação excessiva de conteúdos de “baixo nível”. O autor francês Pierre Bourdieu (1997) em sua obra “Sobre a Televisão” reflete acerca da televisão como meio de comunicação que poderia ser de extrema ajuda para a democracia direta, mas que acaba, no entanto, distorcendo a realidade para quem a vive.

A televisão influenciada pela política e pressionada economicamente exerce, segundo Bourdieu, uma violência simbólica, com cumplicidade tácita de quem sofre e muitas vezes de quem exerce inconscientemente tal violência. A televisão induz de tal forma que o receptor não percebe que está sendo induzido, ele nem se quer questiona a

informação que está à vista de seus olhos, apenas a digere. Ela torna-se responsável por ditar aquilo que tenha relevância ou não dentro dos acontecimentos mundiais. A informação então chega até o público da maneira que a TV definir; distorcida, incompleta, parcial. Ela oculta e mostra o que achar melhor, e o público toma por correto e completo aquilo que vê (Idem, 1997).

Nesse momento vem o questionamento: qual a responsabilidade social da televisão? Seria a manipulação da opinião pública dando assim lugar aos interesses? O uso de cenas apelativas com direito a exploração dos detalhes mais sórdidos da violência com o intuito de causar comoção na população? Algumas décadas atrás a televisão vem apelando para o discurso sensacionalista alimentando e sendo alimentada por uma sede de sangue, gerando uma superficialidade no discurso político trazendo pra pauta debates sociais, jurídicos e econômicos sem profundidade, planejados segundo o senso comum.

A mídia deveria exercer o caráter apenas informativo, porém com seus interesses mercadológicos, anunciantes e suas políticas econômicas, o resultado é um produto jornalístico bastante questionável e influenciador. Segundo Bourdieu as pressões econômicas fazem da televisão “um formidável instrumento de manutenção da ordem simbólica” (1997, p.20). Ou seja, ao passo que os telejornais sensacionalistas passam a noticiar fatos fúteis que prendem a atenção do público ocupando um tempo precioso na televisão, mas de pouca relevância, sem conteúdo crítico, têm-se assim uma violência de ordem simbólica, uma forma de coerção exercida por um determinado campo social – no caso os campos econômico e político que possuem maior autonomia em relação aos demais, exercendo maior influência, ditando as regras do campo jornalístico – sobre os demais, instituindo uma prática discursiva e de pensamento condizente com os interesses das classes dominantes.

Bourdieu (1997) é claro ao nos fazer referência a Tv como empresa privada a mercê de seus mecanismos técnicos e de sua estrutura administrativa, realizando uma transmutação do capital simbólico em capital econômico. Dissimulando correlações de forças e naturalizando o quociente de violência, que encerra, a televisão se afigura fonte primária de poder simbólico, produzindo efeitos de realidade quando parece apenas ocupada com o atendimento a exigências do imaginário. Trata –se de um jogo de

interesses explícitos onde os fatores que predominam são a audiência que irá gerar a transformação dos capitais.

O CASO RACHEL SHEHERAZADE

A imagem televisiva utilizada sem rigor pelo telejornalismo sensacionalista tem um efeito real, que faz ver e crer no ver. Isso pode gerar um poder de mobilização na sociedade. Mas, no sensacionalismo, tal mobilização não é voltada para o social, pelo contrário, volta-se para o mercado, para o consumo. Um dos objetivos dos programas não é aprofundar o fato, democratizar a informação, e sim polemizar, prender a atenção dos telespectadores com um discurso crítico pelo apresentador ao final de cada matéria.

Segundo Bourdieu

“A televisão tem uma espécie de monopólio de fato sobre a formação das cabeças de uma parcela muito importante da população. Ora ao insistir nas variedades, preenchendo esse tempo raro com o vazio, com nada ou quase nada, afastando-se as informações pertinentes que deveria possuir o cidadão, para exercer seus direitos democráticos” (1997, p. 23-24).

Essa prática vem sendo adotada por emissoras já há alguns anos. Na atualidade temos como modelo deste caso a âncora do jornal SBT Brasil¹ Rachel Sheherazade. Ela é formada em Jornalismo pela Universidade Federal da Paraíba – UFPB, já atuou em diversas emissoras do Nordeste, e ficou bastante conhecida por vídeos no qual expressava suas opiniões e críticas relacionadas a diversos temas. No ano de 2011 quando ainda trabalhava na TV Tambaú² fez uma grave crítica ao carnaval na Paraíba. O vídeo foi postado na internet na página do YouTube fazendo com que a apresentadora ganhasse projeção nacional. Com isso, a apresentadora foi convidada por Sílvio Santos a ir para a matriz do SBT, em São Paulo. O apresentador de televisão e empresário brasileiro Sílvio Santos viu em Rachel Sheherazade um perfil que para ele “a Tv precisava”, alguém de opinião forte e inquestionável capaz de compenetrar pessoas a uma determinada linha de pensamento.

O jornal no qual Rachel Sheherazade atua é produzido e exibido pelo SBT-Sistema Brasileiro de Televisão, em São Paulo. Em seu texto de apresentação no site da emissora, o SBT Brasil é descrito como um jornal que possui total Liberdade editorial e

credibilidade, fatores para o exercício de um jornalismo claro e transparente dos fatos. O texto chama atenção para a linguagem do programa coloquial e opinativa.

De segunda a sábado o jornal se inicia às 19:05 e tem duração de aproximadamente 30 minutos. O cenário é dinâmico e interativo remetendo uma postura séria. Sheherazade possui um quadro no SBT Brasil chamado “Opinião” onde ela tem cerca de 4 minutos para explanar comentário a respeito de fatos que reverberam, muitas vezes os polemizando.

A televisão tornou-se parte do cotidiano das pessoas. É comum acordar pela manhã e ligar a Tv para acompanhar as primeiras notícias do dia, seguindo o mesmo hábito ao meio dia e à noite. A mídia está presente em nosso dia-a-dia de forma comum, exercendo influência em grande parte do nosso cotidiano ao ponto de uma pessoa poder ser influenciada a determinadas linhas de pensamento. Vemos que com a presença deste meio de comunicação são adotados conceitos que antes não existiam, hábitos são alterados, posturas, gostos e comportamentos.

Jornalistas são formadores de opinião, opinião essa que muitas vezes é ditada pela linha editorial do veículo onde trabalham. A ideia passada pelo SBT Brasil é de uma comunicação mecanicista onde emissor é totalmente ativo e o receptor passivo.

Qual seria o principal o motivo de Raquel Sheherazade ter saído de um jornal de rede local para logo em seguida estar na bancada de um jornal de rede nacional. Seria ela a salvação para um telejornal que estava em uma mesmice e usava de um jornalismo “frio”? O vídeo no qual ela critica o carnaval teve uma grande repercussão, tinham os que lhe davam razão e aqueles que eram totalmente contra o seu posicionamento. Mesmo assim como diz o dito popular “Quem não é visto não é lembrado” as pessoas sendo contra ou a favor de sua opinião não deixaram de falar em seu nome. Daí por parte do SBT surge a ideia de alavancar a audiência do jornal utilizando-se uma jornalista opiniosa, que no decorrer de três anos atuando como âncora manteve-se firme ao defender o seu ponto de vista.

Chegamos agora a um impasse segundo o código de ética o bom jornalismo deve conter elementos fundamentais como: “Objetividade, Verdade e Precisão, Confidencialidade, Imparcialidade”, mas como pode um jornalismo ser imparcial se no mesmo é dada a opinião do apresentador? Os seus comentários podem ser

caracterizados sensacionalistas ou não? No caso de Sheherazade podemos analisar que em seu discurso Rachel é clara e precisa com opiniões para um público mediano.

Politicamente falando em relação a comentários como “Adote um bandido” No qual um jovem de 15 anos foi preso a um poste por uma tranca de bicicleta no pescoço após ter sido agredido por um grupo de jovens na Zona Sul do Rio, no início do mês de Fevereiro deste ano, Após tentar assaltar uma turista canadense e um turista inglês, nas areias de Copacabana. Raquel no diz que: “A atitude dos agressores é de certa forma compreensível. O estado é omissivo, a polícia desmoralizada, a justiça é falha, o que resta por cima ao cidadão de bem que ainda por cima foi desarmado? Se defender claro! O contra ataque aos bandidos é o que eu chamo de legítima defesa coletiva, de uma sociedade sem estado contra um estado de violência sem limite. E aos defensores dos direitos humanos que se apiedaram do marginalzinho preso ao poste eu lanço uma campanha: Faça um favor ao Brasil, Adote um bandido.” Seu comentário ganhou repercussão em todo país, na internet o assunto ganhou as redes sociais, o assunto foi um dos mais falados nas redes sociais facebook e twitter. O assunto divide opiniões enquanto o pessoal da Direita defende Raquel os da Esquerda condenam suas frases considerando a mesma conservadora. Sheherazade conseguiu angariar uma série de “inimigos”, em seu ambiente de trabalho seus colegas do SBT sentem “vergonha” de suas opiniões conservadoras.

No dia 26 de Dezembro de 2013 foi postado no facebook do filósofo Paulo Ghiraldelli Jr. A seguinte frase: “Meus votos para 2014: que Rachel Sherazedo seja estuprada”. Logo em seguida, foi postada outra mensagem com o mesmo teor: “Votos para 2014: que a Rachel Sherazedo abrace bem forte, após ser estuprada, um tamanduá”. Alertada por um amigo, Rachel denunciou os ataques em seu Twitter: “Caso grave de incitação ao crime, promovido pelo Sr. Paulo Ghiraldelli ou quem se faz passar por ele. Compartilhem!”

Em seguida, questionou diretamente o próprio filósofo: “Sr. Ghiraldelli, liberdade de expressão termina onde começam calúnia, difamação, ameaça, incitação ao crime! Vai aprender isso num tribunal!”. No dia 30 do mesmo mês, a jornalista postou no Twitter: “Missão cumprida: esta manhã fui à delegacia competente representar penalmente contra meu agressor ou quem se faz passar por ele. Agora, é só aguardar as providências legais e a providência divina. Tenho a certeza de que cumpri meu papel de cidadã”

Diante da pronta reação da jornalista, o filósofo recuou. Numa mensagem enviada diretamente para o Twitter de Rachel Ghiraldelli tentou se justificar: “Prezada Rachel Sheherazade, não sou favorável a qualquer incitação à violência contra mulher, menos ainda à imprensa. Posso me explicar?” Paulo Ghiraldelli negou ser o autor dos votos de que Rachel Sheherazade seja estuprada em 2014. Ele alegou que seu Facebook foi invadido por “hackers” e apagou as mensagens de incitação à violência contra a jornalista.

Pessoas de todo o Brasil apoiaram Rachel em sua defesa enquanto outros concordaram com a atitude de Paulo.

É necessário comparar os comentários de Sheherazade e saber se tais posicionamentos são bons ou não para a democracia em nosso país. Se existe ética em seus discursos, e se está sendo trabalhada com comprometimento.

Seria Raquel uma experiência mais evoluída de outros jornalistas como: Boris Casoy, Alexandre García, ou Carlos Chagas. Pois bem antes dela surgir eles já trabalhavam com uma espécie de “Telejornalismo Dramático” Lígia Campos de Cerqueira Lana em um estudo de dissertação pela Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG. Ela faz um estudo de caso sobre o programa Brasil Urgente abordando a presença de atos que remetem ao sensacionalismo e estão explícitos e apresentando um panorama histórico do surgimento dos telejornais dramáticos na televisão brasileira, sua caracterização da linguagem e também a discussão do conceito de cotidiano.

PALAVRAS FINAIS

Rachel Sheherazade representa um tipo de jornalismo sensacionalista que veicula representações sociais do senso comum. São reportagens que não aprofundam debates que por ventura pudessem explorar questões importantes para uma reflexão acerca dos temas tratados. Retrata sim, uma postura que emite um discurso subjetivo com claras e evidentes inclinações ao conservadorismo da classe da qual faz parte e das práticas ideológicas religiosas que a todo instante profere.

Travestido de jornalismo, temos em nossos meios de comunicação pessoas mal formadas que passam a transmitir informações pessoais na forma de notícias.

Posicionamentos políticos são transformados em trincheiras confluindo em verdadeiras guerras de opinião pessoal, mas de pouco ou nenhum conteúdo técnico e crítico válidos.

Sheherazade expressa a profunda melancolia de um baixo padrão jornalístico comparável às novelas que tentam retratar a realidade, dando-lhe contornos mais interessantes, pois a própria realidade perdeu a graça. As mídias passam a enfatizar a realidade apresentando-a como espetáculo, criando uma hiper-realidade mais aprazível aos seus consumidores. Pessoas são confinadas ou conclamadas a superar desafios em realidades artificialmente produzidas para o entretenimento. A perda de sensibilidade causada por uma superexposição à violência, desde os jogos virtuais às salas de cinema e filmes, às novelas e desenhos animados infantis (MOREIRA, 2003), gera pessoas cada vez mais sedentas pela hiperexposição do sofrimento humano ou de acontecimentos e cenas bizarras.

Rachel Sheherazade expressa este fenômeno na atualidade. Ela é tanto propagadora quanto é fruto de uma contemporaneidade insensível e incompreensível para com os problemas sociais, políticos e econômicos, gerando opiniões superficiais sem embasamento crítico-científico. Capaz de opinar sobre todos os assuntos, seu discurso se torna vazio. Contudo, aparece travestido de intelectualidade e sabedoria ao utilizar conceitos do campo científico amplificadas com frases de efeito que corroboram o senso comum.

Presas em si mesma, incapaz de escapar das armadilhas dos campos políticos, econômicos e do próprio jornalismo que a criou, Sheherazade merece mais do que um exercício de reflexão, merece um sinal de alerta, onde o sinal vermelho nos faça repensar até onde permitiremos que jornalistas diletantes se apresentem ao grande público mascarados de cientistas, especialistas enciclopedistas capazes de emitir opinião sobre todas as formas de conhecimento possíveis.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, Theodor & HORKHEIMER, Max. Conceito de Iluminismo. Texto Escolhidos. Col. Os Pensadores. São Paulo: Abril, 1975.

Lumina - Juiz de Fora - Facom/UFJF - v.4, n.2, p. 1-18, jul./dez. 2001 v. 5, n. 1, jan./jun. 2002

BAUMAN, Z. Comunidade: a busca por segurança no mundo atual. Tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

BOURDIEU, Pierre. O poder simbólico. Lisboa: Difel, 1989.

_____. Sobre a televisão. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996

CÓDIGO DE ÉTICA DOS JORNALISTAS BRASILEIROS

Vitória, 04 de agosto de 2007. Federação Nacional dos Jornalistas

MOREIRA, Alberto da Silva. Cultura Midiática e Educação Infantil. Educ. Soc. , Campinas, vol. 24, n. 85, p. 1203-1235, dezembro 2003. Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>

ORTIZ, Renato. A Escola de Frankfurt e A Questão da Cultura. São Paulo: Campinas, 1985.

Internet:

http://www.noticiaexpressa.com.br/down/sbt_brasil_segundo.pdf, Acesso em: 31/08/14.

<http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2014/02/>, Acesso em: 02/09/2014.

<http://www.jornalopcao.com.br/posts/reportagens/rachel-sheherazade-a-mulher-que-ateoriza-a-esquerda>, Acesso em: 09/09/2014.

<http://veja.abril.com.br/blog/felipe-moura-brasil/>, Acesso em: 05/9/2014.

<http://www.diariodocentrodomundo.com.br/>, Acesso em: 03/09/2014.

http://pt.wikipedia.org/wiki/Rachel_Sheherazade, Acesso em:01/09.2014.

http://pt.wikipedia.org/wiki/Kevin_Carter, Acesso em: 29/08/2014.

http://www.jn.pt/PaginaInicial/Media/Interior.aspx?content_id=1789058&page=-1, Acesso em: 30/08/2014.

<http://charlezine.com.br/foto-matou-kevin-carter/> Acesso em: 01/08/2014.

<http://www.implicante.org/>, Acesso em: 10.09.2014